

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	19.º Anno — XIX Volume — N.º 629	Redacção — Atelier de gravura — Administração
Portugal (franco de porte, m. forte)	38800	16900	6950	6120	15 DE JUNHO DE 1896	Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)....	46000	28000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	56000	26500	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

Do *Seculo* de domingo :

«**Maíra, 13, ás 8 e 13 t.** — Falleceu Francisco Militão Almada Pereira, conhecido pelo *Francisquinho*, que durante mais de sessenta annos foi sacristão da igreja parochial e encarregado da bibliotheca e paramentos da Real Basilica.»

Era velhissimo o Francisquinho sacristão. Começara n'aquelle officio ainda no tempo dos frades, de que tinha uma riquissima collecção de aneddotas. Contava historias de D. João VI a cantar cantochão no côro, em meio da comunidade, tirando tabaco aos punhados de dentro dos bolsos, cheirando-o com barulho, atulhando as ventas e lançando o resto para o chão, onde o Francisquinho, vicioso de rapé desde pequeno, o ia apanhar ás mãos ambas, caminhando de joelhos, de vagarinho.

Andava sempre vestido de preto, com uma enorme sobre-casaca d'outros tempos. Era pequenino, com um olhar muito esperto, um nariz enorme, em que o vicio, que lhe fôra mettido no corpo pelo perdulario rei, abria duas ventas descommunes.

Dizia coisas cheias de ironia, rindo muito das ignorancias dos visitantes. Então o labio inferior descahido no risinho deixava apparecer meia duzia de dentes longos, descarnados, entre fundos buracos negros.

Quando da expulsão dos frades, o Francisquinho, que era leigo, passou a ser encarregado da conservação dos paramentos da igreja e da guarda da bibliotheca.

Tinha um entranhado amor a tudo aquillo, offendendo-se muito de qualquer observação menos respeitosa para toda aquella riqueza, que fôra confiada á sua honestidade e escrupuloso cuidado. Não raro aconteceu fechando brutalmente as gavetas e pondo ex-abrupto um ponto final nos seus discursos de cicerone, arriscar a esportula que lhe era devida. Mas que queriam? Asneiras revoltavam-o.

Se, pelo contrario, observava no visitante um certo amor ás coisas velhas, um desejo intelligente de saber, um pequeno deslumbamento perante aquella fortuna ali accumulada em prata, ouro, pedras preciosas, damascos e brocados, o Francisquinho dava largas ao seu saber, desdobrava cuidadosamente os paramentos, afagava as sedas, tinha carinhos para as rendas, tremores na voz, scintillações nos olhos pequeninos.

E lá ia depois pelos longos, infinitos corredores do convento, de altas paredes caídas sustendo vastas abobodas em barrete de clérigo, com o corpinho dobrado, quasi arrastando a legendaria sobre-casaca, fazendo tinar o grosso molho das chaves, caminho da bibliotheca.

Era ali, na enorme sala muito fresca, fortemente illuminada pelas duas grandes filas de janellas, que passava a maior parte dos seus dias.

Com um pequenino espennejador na mão corria pagina por pagina todos os livros d'aquellas estantes, ora cá em baixo, ora lá em cima na galeria, trepado a uma escada de tesoiras, livrando-os assim do maior inimigo, a traça. Levava um anno inteiro n'aquelle serviço. Depois tornava a começar. E, com tanta vez os ter manuseado, não conhecia de nenhum d'elles, uma só linha sequer.

Entretanto amava-os. Adorava sobretudo os livros illuminados. Quando, por motivo da exposição de arte ornamental, teve que separar-se d'alguns d'elles, não dormiu contente, e quando os livros voltaram condecorados, fechou-os a sete chaves.

Ali passou horas e horas sózinho, ouvindo os carrilhões cá fóra tocar alegremente, tal qual como

no tempo dos frades, no tempo da sua boa mocidade. E elle, empoleirado na escada, sózinho na sala immensa, cantarolava os minuets e, quando passava nos grandes quadrados da luz que entrava pelas janellas, era saudado pela chilreada dos passaros que se abrigavam nos altos arvoredos do cêrco. Era tudo na mesma, tudo como d'antes. O Francisquinho podia sonhar.



ERNESTO ROSSI — FALLECIDO, EM PESCARA, EM 4 DO CORRENTE

la chegar para elle o bom tempo agora, o tempo dos banhos, a grande passagem para a Ericeira, os pic-nics dos banhistas. Durante o verão, aquelles sinos tocam sempre, anda sempre uma esportula pelo ar.

Foi talvez este inverno prolongado quem deu cabo do pobre velhote, que meia duzia de amigos acompanharam até muito para além do extremo da villa, ao cemiterio pequenino, encaixado entre pinhaes, que levam as noites a gemer.

O verão não quer chegar. Já lá vai o Santo Antonio e o céu é pardacento; o sol mal rompe as nuvens accumuladas; as noites são frias; caem bategas d'agua.

E entretanto o movimento a diminuir nas cidades prova que já vai longe a primavera. Fecharam já alguns theatros; algumas companhias portuguezas partiram para o Brazil.

Abriu a marcha a companhia do theatro do Principe Real de Lisboa e foi a ultima a partir a do Principe Real do Porto.

Como no anno passado, vai esta dirigida por Afonso Taveira e leva como maestro, director de orchestra, Cyriaco de Cardoso. Isto é bastante para lhe assegurar o exito.

Angela Pinto, que deveria ir como estrellia, não pode acompanhar os collegas, por lh'o não permittir a sua falta de saude. Foi preciso tratar de novas escripturas á ultima hora, mas a energia de Taveira conseguiu organisar uma companhia de primeira ordem, levando ao Brazil, agora, pela primeira vez, alguns artistas, cujo logar é dos mais elevados entre os nossos melhores de opera comica.

O Cyriaco costuma fazer milagres tambem. No pouco tempo de que pode dispôr no Porto, depois de ter conhecimento da impossibilidade em que a Angela se achava de acompanhá-los, pode compôr, ensaiar, fazer representar uma vez, a peça com que, dentro de dez ou doze dias, a companhia portugueza se ha de estrear no theatro Apollo do Rio de Janeiro.

Ainda lá são desconhecidos o Santinhos, actor engraçadissimo, cuja naturalidade pôde classificá-lo entre os melhores artistas de comedia, Elvira Mendes, viva, alegre, graciosa, e Medina, cujo excellente methodo de canto torna ainda mais apreciavel a voz quente, extensa, vibrante, com que a dotou a natureza.

Depois de esgotado o repertorio no Rio de Janeiro e S. Paulo, irão passar o verão ao Rio Grande do Sul, d'onde em abril hão de regressar ao Rio.

O Brazil é o grande recurso das nossas companhias theatraes durante estes mezes e verdadeira fortuna é para ellas que a nossa posição geographica nos dê esta desigualdade na epoca das estações. O trabalho não pára. Duas viagens por anno são ferias sufficientes. E' agora lá o inverno, o tempo do luxo, o tempo dos divertimentos.

Para nós acabou isso por quatro mezes. Só nos resta a leitura para distração do espirito.

Entre os livros que ultimamente appareceram e cuja leitura a todos se recommenda, devemos citar *A Campanha d'Africa contada por um sargento*, illustrada com quarenta gravuras e publicada pela Empresa do OCCIDENTE.

Toda a historia d'aquella campanha heroica é ali contada em estylo simples, despretencioso, por quem a todo ella assistiu, por quem passou as fomes, soffreu as intemperias, expoz o peito ás azagaias e as balas nos combates que descreve.

O livrinho, verdadeira edição popular, vem recheado de anecdotas; descreve a vida que os soldados levaram n'aquelles sertões; os costumes dos pretos, os seus batuques, as suas festas. E' um livro que se lê d'uma vez, tão interessante elle é de principio ao fim. São umas centenas de paginas cheias de acção, que nos contam os actos mais heroicos, os feitos mais extraordinarios, com a simplicidade encantadora de quem narra um facto mezinho, uma historia caseira, que tanto se deu hontem, como pôde dar-se amanhã.

E de todo elle resalta em viva luz o heroismo da nossa gente, o altissimo valor dos nossos officiaes, as virtudes egregias dos nossos soldados. E' um livro consolador, um livro para ser lido por todas as creanças cujos paes lhes queiram mostrar exemplos de honra, abnegação, amor da patria e do dever.

Ainda não acabou a boa raça portugueza, por mais que a morte se obstine a levar-nos o que temos de melhor.

Hoje mesmo os jornaes da manhã publicam um telegramma de Madrid, participando-nos a morte d'um portuguez illustre.

A's nove horas da manhã de hontem, 14, falleceu no Hotel Inglez d'aquella cidade o eminente estadista portuguez, Conde de Casal Ribeiro.

Nascido em Lisboa em 1825, concluiu a sua for-

matura em Coimbra em 1848, publicando n'esse mesmo anno dois opusculos que sobre elle chamaram a attenção: *O soldado e o povo* e logo depois *Hoje não é hontem*.

Foi deputado pela primeira vez em 1852 e logo occupou uma brilhantissima posição na camara, ao lado de José Estevam, Garrett, Manuel Passos, Rebello da Silva, Fontes, e tantos outros que n'esse tempo honraram a tribuna portugueza.

Foi ministro pela primeira vez em 1859 e, entrando na carreira diplomatica, representou Portugal em Paris e por muito tempo em Madrid.

Deixa muitas obras, entre as quaes a *Carta e Pariato*, que tantas discussões levantou, quando da sua publicação, ha poucos mezes.

Era um patriota, catholico firme nas suas crenças, um dos vultos mais respeitaveis da politica portugueza.

João da Camara.



AS NOSSAS GRAVURAS

ERNESTO ROSSI

Morreu o maior dos actores romanticos, aquelle que já quasi a chegar aos setenta annos, debruçado sobre o balcão de Julieta, lhe cantava as mais inspiradas estrophes, que os rouxinoes do bosque acompanhavam meigamente com trinos em pianissimo.

Teve uma carreira longa e gloriosa. Lisboa admirou-o por duas vezes, em 1868, quando o seu esplendor estava no auge, e em 1883, já na decadencia, mas, ainda extrenuo defensor da sua escola, procurando, na escala extensissima da sua voz primorosa, as notas commovedoras com que cantava os trechos inspirados de Shakespeare, de Alfieri e de Corneille.

Quando pela primeira vez representou em Lisboa, onde se estreou com o *Kean*, vinha o seu nome precedido do maior reclamo, tendo já representado em Paris, entre os mais entusiasticos applausos, o *Fausto*, o *Hamlet* o *Othello* e o *Cid*.

Discipulo amado de Modena, a este fôra pedir lições, quando estudante em Pisa; Seu pae, que a principio se puzera mal com elle classificando de loucura as ambições de glorias theatraes, foi um dos primeiros a abraçá-lo no palco, depois da representação do *Oreste* de Alfieri.

Rossi não quiz nunca descançar. Trabalhou até que a morte o veio surprehender, quando, de volta do seu giro artistico pela Russia, se dirigia para Livorno sua terra natal.

Ultimamente tinha a voz quebrada; a falta de dentes ainda mais lhe embarçava a dicção que fôra primorosa. Continuava, porém, a colher glorias e palmas, porque eram de superior quilate os seus recursos.

Preferia a todas as tragedias de Shakespeare o *Romeu e Julieta*; mas nunca incluia esta peça nos repertorios que mandava publicar. Era velho, dizia elle, para desempenhar aquelle typo de cavalleiro apaixonado, cheio de ideias. Fazia com que teimassem com elle, com que os jornaes falassem, com que o publico lh'o exigisse.

Então, sacrificado, mas por dentro radiante, annunciava, a pedido, a representação da tragedia, que era sempre para elle um triumpho enorme.

O theatro portuguez deveu bastante a Rossi. O nosso grande actor Santos tomou o como guia e ensinou aos seus discipulos a maneira clara de pronunciar, que elle mesmo estudára com o grande tragico italiano.

Foi Rossi tambem quem primeiro representou em Portugal as tragedias sublimes do grande actor inglez.

Outros vieram depois d'elle, Salvini, Pasquali, Pezzana, Novelli, Emanuel, mas, sem por forma alguma querermos agora discutir meritos relativos, o facto é que nenhum pôde hontem com elle, o grande Rossi, no exito alcançado.

A arte theatral progrediu muitissimo em Italia. E' isso indubitavel. Mas o grande actor romantico foi seguramente aquelle que maior impulso lhe deu.

Deixou fortuna, porque foram innumeradas as suas glorias.

O MONUMENTO AO 2 DE JULHO, NA BAHIA

Ha cerca de um anno, inaugurou-se na cidade da Bahia o monumento, que a nossa estampa repre-

senta, e que commemora a data em que a nacionalidade brasileira se affirmou. Foi d'essa parte do territorio braziliço que partiu o grito de independencia. Por isso os bahianos celebraram no dia 2 de julho de 1895 a inauguração do grande monumento que lhes rememora a lucta de 2 de julho de 1823.

E' ao favor de um nosso illustrado assignante n'aquella cidade, sr. João da Silva Freire, que vemos a photographia do monumento, fineza esta que tanto mais agradecemos quanto nos penhorou a espontaneidade da offerta.

Acompanhando a nossa estampa, vamos dar aos leitores uma breve descripção do monumento, precedendo-a de uma monographia inserta na concituada *Revista do Instituto Geographico e Historico da Bahia*, e que é devida a penna do sr. Alexandre Freire Maia Bittencourt:

O magestoso monumento erigido na praça Duque de Caxias, antigo Campo Grande, districto da Victoria, a esforços de uma commissão de patriotas brasileiros com o valioso concurso do Governo do Estado, Corpo Legislativo, Camara Municipal e subscrição popular, para commemorar a immorredoura data da sua independencia politica, compõe-se de uma elegante columna de bronze da ordem corynthia com onze metros e quarenta e seis centimetros, assente sobre pedestal de marmore de Carrara, composto de dous corpos, sobreposto um ao outro, tendo o superior de altura tres metros e quarenta centimetros e o inferior quatro metros e dois centimetros, o qual se apoia em um plano de onde partem para os quatro lados escadarias do mesmo marmore, formadas de sete degraus com trinta centimetros de altura e cincoenta de passeio cada um.

Encimando a columna ostenta-se garbosamente a figura de um indio com quatro metros e onze centimetros de altura, armado de arco e flecha, symbolisando o Brazil.

O capitel da columna é constituído de folhagens de carvalho e louro com ornatos allegoricos, tudo de bronze dourado, com um metro e sessenta e cinco centimetros.

O fuste e base da columna medem nove metros e oitenta e um centimetros, tendo o primeiro terço inferior octogonal, em que se destacam quatro grinaldas suspensas por botões metallicos, com inscrições para lembrar aos posterios as seguintes gloriosas datas.

Na frente: *Entrada das tropas libertadoras, 2 de Julho de 1823.*

No fundo: *Reunião das Côrtes, 26 de Agosto de 1821.*

Ao lado direito: *Batalha contra a frota Luizitana, 4 de Maio de 1823.*

Ao lado esquerdo: *Organização da Junta na Cachoeira, 26 de Junho de 1822.*

Os dous terços da columna são estriados, tendo, de espaço em espaço, fuchas nas quaes estão burilados os nomes daquelles que com tanto e tamanho heroismo, bravura e abnegação souberam trabalhar em prol da emancipação brasileira.

Entre essa parte da columna e o capitel notam-se festões dourados.

O pedestal superior de marmore, em forma quadrangular, tem no meio da face da frente as armas da Republica e sob ellas o lemma da democracia: *Liberdade, igualdade e fraternidade.*

Na face opposta, as armas ou divisa da cidade com a inscrição apropriada: *Sic illa ad arcem reversa est.*

Do lado direito encostado ao pedestal figura sobre um plintho a estatua de uma mulher de colo erecto envolvida em uma bandeira empunhada com vigor, que representa a Bahia proclamando a sua liberdade.

Do lado opposto, uma estatua com cabellos soltos, corça de louro e braços de mulher veronil, figura Catharina de Paraguassú, tendo em uma das mãos uma arma em posição de defeza e na outra um escudo, em que está gravado com lettras de ouro aquellas memoraveis palavras pronunciadas nas margens do Ypiranga: — *Independencia ou Morte.*

O pedestal inferior, ainda de forma quadrangular e em maiores proporções, tem nos quatro cantos columnas da ordem toscana, no meio dos fustes das quaes se lê em escudos de bronze e lettras douradas epocas que rememoram glorias para a primogenita do Brazil:

Chegada de Cabral a Porto Seguro 22 de Abril de 1500

Fundação da Bahia 6 de Agosto de 1549

Proclamação da Independencia 7 de Setembro de 1822

Entrada do Exército Libertador 2 de Julho de 1823

Sobre essas columnas elevam-se trophéos de armas e objectos indigenas artisticamente combinados.

Nas almofadas da frente e fundo d'esse pedestal existem quadros de bronze, em relevo, onde o artista com pericia e arte soube, naquella, mostrar os actos de heroísmo praticados pelos itapariicanos na tomada da barca Luzitana em 7 de Janeiro de 1823, e, neste, o denodo dos cachoeiranos em 25 de Junho de 1822; figurando, aqui, uma barca no rio Paraguassú que é invadida por pessoas armadas de pedras e cacetes, que se apoderam da mesma, e, alli, outra barca defronte do forte de S. Lourenço, em Itaparica, onde sobem muito abundantes soldados e gente do povo.

Nas outras duas almofadas leem-se inscrições, das quaes a primeira é:

Anno de 1895
Aos heroes da Independencia
A patria agradecida
In perpetuum vivere intelligitur
Qui pro patria ceciderunt

Na face opposta leem-se os nomes dos funcionarios superiores do Estado e dos membros da commissão executiva do monumento.

No plano do qual partem as escadarias observam-se em sócos de trinta centímetros de alto, na frente e fundo, grandes aguias com azas abertas, pousando esta sobre canhões, ancora, estandarte da metropole com um escudo circulado de uma grinalda de folhas de café com a data de 25 de Junho de 1822, e aquella sobre a prôa de uma barca em destroços, mastros, leme, cabos, machadinhas, etc., com a data de 7 de Janeiro de 1823 escripta em uma fita orlada de ramo de café; correspondendo ellas aos quadros acima descriptos.

Dos outros dous lados, estatuas recostadas, de formas colossaes, representando os dous rios principaes da Bahia, — o S. Francisco e o Paraguassú.

O primeiro é um velho de longas barbas, cercado de indígenas e pirogas, tendo na dextra um remo e deixando ver proxima a cachoeira de Paulo Affonso.

O segundo descansa o braço direito em um rochedo e mergulha os pés no oceano, por sua vez cercado de peças allegoricas.

Em frente aos dous rios encontram-se vascas de Bardilho em fórma de caramujos para receber as aguas que correm das allegorias de bronze dos ditos rios.

Ainda nesse plano, nos quatro angulos apparecem dados de marmore branco sobre os quaes descansam quatro gigantescos leões, tendo debaixo das patas allegorias, como, um quebrando uma corrente, outro rasgando o dominio e os outros pisando armas e escudos.

Das bases d'esses leões jorra agua para pequenas vascas de marmore vermelho, em fórma de moluscos, presas aos dados.

Ainda n'essas bases em fitas e com letras douradas estão inscriptas as seguintes datas:

Cabyllo 8 de Novembro de 1822
Funit 23 de Junho de 1822
Pirajá 8 de Novembro de 1822
Enghenho da Conceição 29 de Novembro de 1822

Para que passe á posteridade os gigantescos feitos de heroicidade e valor dos avoengos brasileiros, nas batalhas campees feridas n'aquelles sempre memoraveis logares.

O monumento é cercado de um passeio de marmore com dous metros e cincoenta centímetros de largura, formado de mosaico com variadas côres e com as seguintes inscrições de marmore negro no meio de cada lado; na frente Dous de Julho de 1823, no fundo o lemma da bandeira nacional: Ordem e Progresso, no lado direito *Estado da Bahia*, e finalmente, no esquerdo o celebre grito — *Independencia ou morte*.

Esse passeio com altura de vinte e cinco centímetros é fechado por uma grade de ferro fundido decorada com folhagens e escudos, onde figuram, em baixo relevo, as armas da republica e da cidade, representadas estas por uma pomba com ramo de oliveira no bico.

Um segundo passeio, de tres metros e cincoenta centímetros de largura e quarenta centímetros de altura, com orla de cantaria de *Santo Antonio das Queimadas* e ladrilho de marmore preto, branco e cinzento, bem combinados, circula aquelle outro.

Nesse passeio sobre plinths de cantaria das *Queimadas* e serra da *Itiúba*, com altura de sessenta e cinco centímetros, foram montados oito bem trabalhados candelabros com quatro grandes globos redondos para illuminação a gaz, dos quaes tres nos braços e um acima da cabeça de uma figura, todos ornamentados de anjos, folhagens, grinaldas, festões e outras decorações.

A base pelo passeio externo é um octogono, cujos lados maiores medem cada uns quatorze metros e oitenta e dous centímetros e os menores sete metros e vinte e um centímetros cada um.

Do que vimos de descrever tem o monumento a altura total de vinte e cinco metros e oitenta e seis centímetros.

Ao cidadão Dr. Manoel Victorino Pereira, secretario da commissão executiva, cabe a gloria de grande parte da delineação do projecto, que foi confeccionado pelo escultor commendador Carlos Nicoli vice-consul brazileiro em Carrara.

O contracto para execução dos trabalhos no estrangeiro, de accordo com o projecto apresentado; celebrou-se com a firma Pitombo, Podestá & C., pela quantia de tresentos e noventa mil francos.

As estatuas, columnas etc, foram feitas na fundição de Conversini & C. de Pistoia: as aguias na de G. B. Bastianelli, em Roma, os candelabros por Giuseppe Michelucci & Figlio em Pistoia, sendo os desenhos de Emilio A. Podestá; os mosaicos por Giuseppe Tomagnini & Fratello em Pietrasanta; as vascas por Paulo Friscornia de Ferdinando e os marmores pela sociedade cooperativa entre os marmoristas em Carrara.

A montagem effectuou-se, mediante contracto, pelo engenheiro Antonio Augusto Machado, fiscalizada pelo engenheiro dr. Alexandre Freire Maia Bittencourt, tendo como auxiliar o artista Thomaz Pereira Palma.

O ARCHIDUQUE CARLOS LUIZ

O archiduque Carlos-Luiz, que expirou em Vienna no mez preterito, havia nascido no Schoenbrunn, a 30 de julho de 1833. Tinha portanto, na occasião da sua morte, 63 annos. A' similhaça de seu irmão o imperador, era de bom aspecto, alto, a revêr saude. Afavel no trato, de maneiras simples, dom hereditario na familia dos Absburgs, conquistava as sympathias á primeira vista; e mormente se vinha o ensejo de ser escutado. Então, appossava-se por inteiro de homens e assembleas, perante quem discorria; pois, aquelle principe, se não manejava com eloquencia a palavra do orador, era, certamente, um persuasivo conversador. Pelo que o desejavam de frequencia nas embaixadas difficeis, ou no logar de honra dos congressos. Porque todos os archidukes da casa d'Austria desempenham um commando militar no exercito austro-hungaro, elle tinha o seu. General de cavallaria, proprietario do 7.º regimento de uhlanos, em 1866, encontrava-se ao lado do vencedor de Mortara e Novara, seu thio o archiduque Alberto, na batalha de Custozza. Ahi se assignalaram os geneares Rodich, Maroicitch, a divisão Pulz; ahi se distinguu igualmente o archiduque Carlos-Luiz. Commandava a cavallaria ligeira, que logo no começo da acção, poz em desordem a primeira divisão inimiga, com que se defrontou e desbaratou. Serviu depois em diferentes guerras do imperio; todavia, se por sua posição aceitava os encargos da vita militar, por indole e natureza propria, era antes um litterato, um homem de paz. Despreoccupado da politica, sem antever a successão do imperio, pois era vivo o filho do imperador, o principe Carlos Luiz, até á catastrophe do Maierling, dedicou-se em toda a occasião ás artes e as sciencias. Em sua casa, na Favoritenstrasse, compareceram os homens mais celebres do seu paiz, não poucos illustres forasteiros, e certamente todos aquelles que, por seus conhecimentos mathematicos ou artisticos, haviam realisado o plano do imperador, a sua obra mais grandiosa, a Vienna actual, que é, no consenso de historiadores e viajantes, a primeira cidade do mundo. Theophilus Hansen, discipulo de Thorwaldsen, que ergueu a immensa acropole do novo palacio do parlamento; o architecto Semith, que travou o stylo gothico com o romano na casa da Camara municipal, edificio dos mais imponentes de Vienna; o cavalleiro Frestel, auctor da *egreja votiva* e da Universidade; o barão Haseneur, o creador do extraordinario Burgtheâtre e dos museus da Ringstrasse; todos estes ali foram vistos; e seguidamente os primeiros sabios das escolas superiores da Austria: — João Wilceck, o celebrado organisador da famosa expedição ao polo norte, que descobriu a terra de Francisco Jose; Meinert, o fundador da anatomia do cerebro, Claus, um dos primeiros zoologistas da Europa; Frederico Muller, o grande ethnologista; Stephan, o illustre professor de phisica da Universidade; Jaromir Mundy, o incansavel philantropo, da associação de salvadores de Vienna; e mais tambem o insigne Bilroth, cirurgião, e tambem W. Richter, pintor; e

Pausinger o esmerado *pastelista*. Outros, poetas e artistas ali discorreram em convivio intimo. Muitos d'elles, os vivos, agora pranteiam a infausta morte de archiduque, cuja palavra e conselho em tanta occasião escutaram, e do qual, as mais das vezes, obtiveram a commissão de serviço, ou a incumbencia de trabalhos, que, explicando-se pelo talento e qualidades do requerente, sempre eram alcançadas por aquelle principe sabio, reflectido, e consciencioso, de seu irmão o imperador, a quem sempre fora dedicado. D'est'arte era a maneira de viver do archiduque. Representava na cidade apostolica, por inclinação e devoção, papel igual ao da princeza Mathilde, na capital de França, durante o governo de seu primo, o imperador Napoleão III Declarado successor do imperio pela *Pragmatica* que é hoje uma das leis fundamentaes da monarchia, o illustre Mecenas havia comprado um vasto dominio em Buda-Pesth; e, n'essa faustosa residencia onde passava os mezes de verão, proseguia igual theor de vida, reunindo os mais notaveis poetas e litteratos do paiz magyar, cuja lingua aprendera aos 58 annos.

Era pois aquelle principe um homem de grande sêr; e pelo que tambem grande foi seu prestigio na sociedade onde se creou, e em que influiu.

Na verdade, se pozermos em nossa lembrança de quanto, em meio de suas fadigas e desesperos pela obra que lhes não representa viva e precisamente seu ideal, sonhado ou vivido, — os artistas, os poetas, os escriptores, os devotos emfim do pensamento ou da perfeição typica, de quanto, repetimos, elles se pagam de uma palavra amiga, benevolente, e de serem animados e até amizados, verdadeiras creanças que elles são; e de que, á meza ou nas salas do archiduque, encontraram tantas vezes, o mais generoso incitamento — já no appoio moral, já no conselho esclarecido, já na admiração, de que elles tanto haviam mister para continuarem, e não raro para o aperfeiçoamento e conclusão do seu trabalho; se nos lembrarmos d'isto; e de que em casa do archiduque, centro verdadeiramente inspirador e elucidativo por suas obras d'ar. e de primeira selecção, e pelos objectos preciosos na raridade ou no preço, se encontravam, além de diplomatas, ministros e principes, os homens mais raros d'este seculo, que os tem tido superiores, e maiores que nenhum outro; — comprehende-se a alta significação dos serões de Carlos-Luiz. Escutando Max Budinger, o historiador illustre, que ainda ha bem pouco, (1891), fez luz no drama de Philippe II e de seu filho D. Carlos, a conversa espirituosa de Eduardo de Bauernfeld, a recitação dos versos do conde d'Auersperg, a avisada experiencia do dono da casa, que, por sua alta posição muito tinhalvisto, e tudo soubera vêr — comprehende-se, quantas observações, e que vasta seara de ideias e juizos, ácerca dos homens, cousas e acontecimentos do nosso tempo, não deveria colher o analista psychologo das paixões e phisiologia do ser humano.

Naquelles serões, verdadeira academia, o historiador, o poeta, o pintor, o romancista deveriam por certo obter aquella sciencia, que os livros não dizem, e que só vem da observação constante dos homens e das cousas. Até as anedotas ali seriam de ensinamento. E' isto o que nos acode á lembrança, ao noticiarem os jornaes a morte do illustre principe; e tambem de que, no palacio da Favoritenstrasse, agora de luto, chora uma senhora, de superior intelligencia, excelsa na formosura, e de peregrino encanto, que, não raro presedia aquellas assembleas.

Tive a honra de conhecer e de heijar a mão de sua Alteza a Sr.ª D. Maria Theresa de Bragança, em 15 de Maio de 1890; e ainda n'esta hora me é grata na memoria a inolvidavel impressão, que me deixaram a sua figura de tanta nobreza pessoal, e principalmente a linguagem melancolica dos seus olhos de antilope, onde se torciam em choros as paisagens de um outro paiz. Sou lembrado. Por vezes a vi no Prater, galloppando no seu cavallo; por vezes ouvi falar de suas constantes obras de beneficencia. Mas, nada a pôde definir senão seus olhos a reverem grandes saudades, e talvez as amarguras de quem se creou no ensinamento da proscricção. Em 1890, a princeza, declarada futura imperatriz da Austria Ungria, adorada de seu marido, era no auge da ventura; hoje, ainda que universalmente querida e respeitada, arrasta os crepes de viuva, e é, pela segunda vez proscripta. Em qualquer situação que o destino lhe depare é crédora de todas as dedicações; e as primeiras, as mais respeitadas, serão as do homem, que então representava Portugal em Vienna, e a quem a augusta senhora commoveu fundamentalmente, ao dizer-lhe no decurso da conversação:

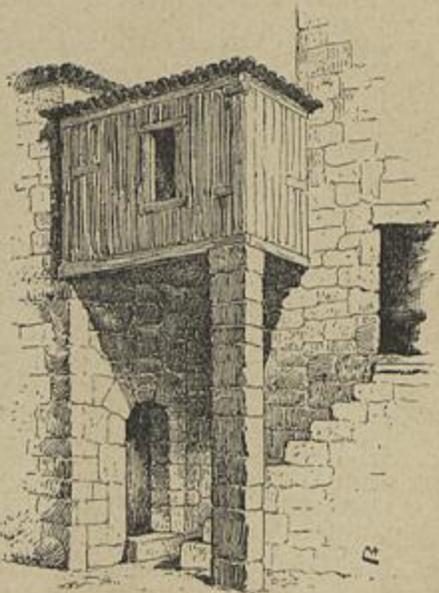
— Agora falemos portuguez.

Conde de Valença.

CASA PORTUGUEZA

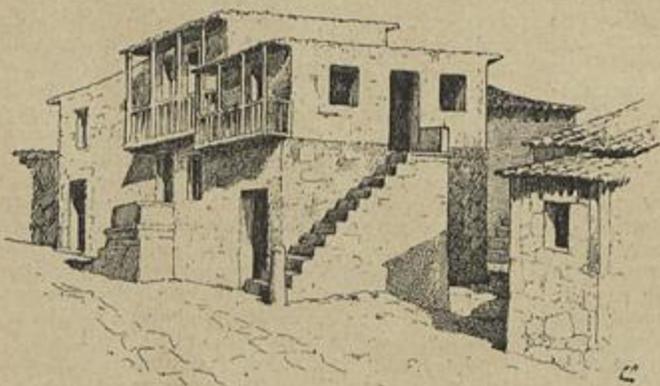
III

Os typos de casas de S. Pedro do Sul que apresentamos reproduzidos em gravura, têm bem definido caracter. Escadas exteriores, com ou sem guarda; varandas cobertas, salientes, de madeira (estp. 2 e 3).



ESTAMPA N.º 1

Dois predios contiguos, um d'elles fazendo a esquina; n'este (estp. 3), a escada lateral, no lado da travessa; no outro, (2) a escada á frente, sob a varanda; em ambos estes predios a varanda tem o seu apoio na parede mestra, grossa, formada de grandes pedras no pavimento inferior, mais delgada e reintrante no segundo pavimento.



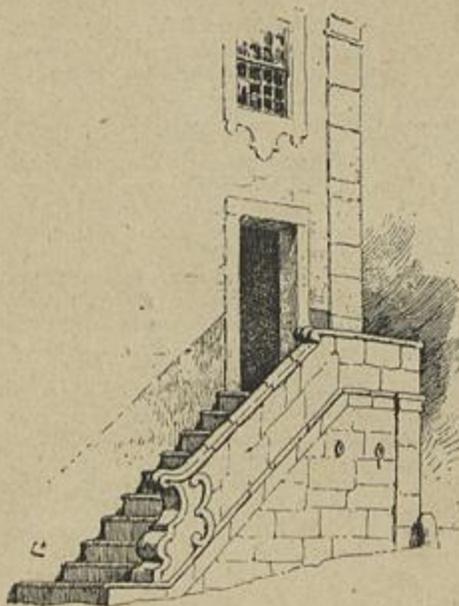
ESTAMPA N.º 2 E 3

Outro typo (estp. 1): a parede não varia de prumada; então, para apoiar a varanda, ergue-se uma valente pilastra, ou uma columna.

Em um predio de mais nobre apparencia, (estp.



ESTAMPA N.º 4

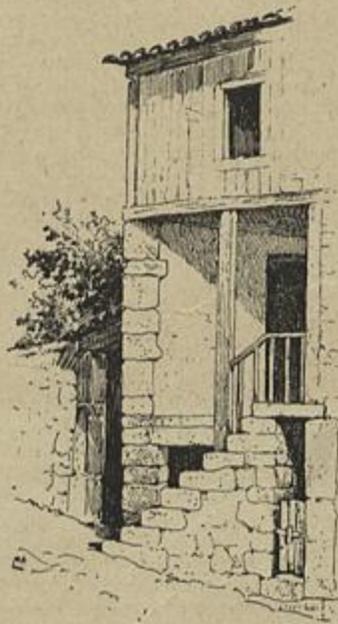


ESTAMPA 5

5) mantem-se a escada exterior, toda com sua guarda em pedra lavrada; em outro, (estp. 6) só o patamar é guardado; ha ainda um exemplo que nos mostra guardado só um lado do patamar, e outro, finalmente, sem defesa alguma (estp. 4). Parece á primeira vista que uma escada sem guarda, ainda que de poucos degraus, é um perigo constante; são degraus direitos e de bom tamanho. Em construcções modernas de Lisboa, carpinteiros mui habilidosos produzem escadas de pescoço de cavallo, em leque, etc., bem mais perigosas, verdadeiros quebra-costas. Mas que differenças entre estas casas de S. Pedro do Sul e as de outros pontos do paiz! Como estamos longe das casas urbanas ou rusticas das provincias meridionaes!

Na villa de Ceia vimos algumas casas com o typo das estampas 7 e 8; e até com sua ornamentação nas padieiras de portas e janellas.

A villa fossil que mais nos tem impressionado é Constantim de Panoias, ao norte de Villa Real de Trás os Montes; a villa tem foral do conde D. Henrique, e algumas das suas casas, de granito pardacento, de escadas e varandas nas fachadas, têm um ar tão velho, que devem ser do tempo do foral. Ahi, tambem o pavimento inferior, o terreo, é destinado aos animaes domesticos. E' com cer-



ESTAMPA N.º 6

teza um typo de construcção, diverso do adoptado na região media do paiz, e na meridional.

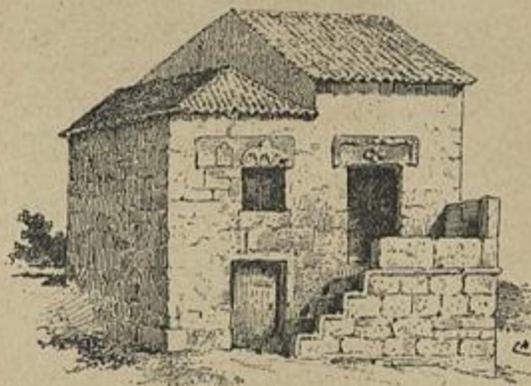
A casa varia, adapta-se ao clima, e aos costumes do habitante. Estudando a casa portugueza, devemos marcar a rural e a urbana. A minhota, com o seu eido, differe do casal alemtejano, com seu quintal ou quinchoso: differem no aspecto, no lar e chaminé, pela falta ou pela abundancia da cal, nas varandas, que no sul chegam a ser terraços. Basta a neve, que na região norte do paiz forma no inverno espessas camadas, para originar differenças de construcção.

Os grandes telhados mui salientes das casas da Beira são defesas contra a invernias e os nevões. E as condições sociaes, ainda mesmo as circumstancias de segurança pessoal, são origens de variantes.

Gabriel Pereira.



ESTAMPA N.º 7



ESTAMPA N.º 8

O GRANDE BAZAR DE CONSTANTINOPLA

Uma das coisas mais curiosas e originaes que ha para vêr, em Constantinopla é o Grande Bazar ou mercado.

Original pela disposição interna dos estabelecimentos de venda e modo de commerciar dos vendedores; curioso pela variedade e cosmopolitismo dos objectos expostos á venda.

Edmundo de Amicis, na sua viagem em Constantinopla faz uma descripção do Grande Bazar de que vamos extractar alguns periodos de molde a satisfazer a justa curiosidade do leitor sobre este assumpto:

«O grande bazar nada tem no exterior que atraia os olhos e faça advinhar o que ha lá dentro. E' um immenso edificio de pedra, de estylo byzantino, de forma irregular, cercado por altos muros cinzentos, e encimado por centenas de cupulasinhas revestidas de chumbo, e esburacadas, que dão luz para dentro: a entrada principal é uma porta de arco, sem character architectonico; das viellas circumvisinhas não se ouve o minimo rumor; a quatro passos da porta ainda se póde julgar que por traz d'aquelles muros de fortaleza não ha senão solidão e silencio. Mas, apenas entramos, ficamos assombrados. Não se está dentro de um edificio, mas de um labyrintho de ruas cobertas por abobadas, arqueadas e flanqueadas por



O GRANDE BAZAR DE CONSTANTINOPLA

pilastras esculpidas e por columnas; n'uma verdadeira cidade com as suas mesquitas, com as suas fontes, com as suas encruzilhadas, com os seus largos, iluminada por uma luz vaga como a de uma floresta densa onde não penetre um raio de sol; e percorrida por immensa multidão. Cada

rua é um bazar, e quasi todos deitam para uma rua principal, coberta por uma abobada de arcos de pedras brancas e negras, e ornada com arabescos, como uma nave de mesquita. N'estas ruas semi-escuras, no meio da multidão ondeante, passam carruagens, camellos e cavalleiros, que fazem um

estrepito de ensurdecer. Em toda a parte se é apostrophado com palavras e com gestos. O mercador grego chama em alta voz e gesticula de um modo quasi imperioso: o armenio, tão charlatão como o outro, mas de apparencia mais modesta, sollicita com maneiras obsequiosas; o judeu sus-

surra-nos as suas ofertas ao ouvido; o turco, silencioso, acorçado em cima de um coxim no limiar da loja, não convida senão com os olhos e entrega-se ao destino. Chamam nos dez vozes ao mesmo tempo: Monsieur! Capitan! Caballero! Signore! Eccellenza! Kyrie! Mylord! — A cada volta, pelas portas lateraes, vêem-se renques de columnas e de pilstras, longos corredores, escorços de ruasinhãs, perspectivas longinquas e confusas, e por toda a parte lojas, mercadorias penduradas dos muros e das abobadas, mercadores azafamados, moços de fretes carregados, grupos de mulheres veladas, uma continua formação e desagregação de circulos rumurosos, uma misturada de gente e de coisas que faz andar a cabeça á roda.

A confusão porém não é senão apparente. Este immenso bazar está ordenado como uma caserna, e bastam poucas horas para uma pessoa ficar em situação de encontrar o que procure, sem precisar de guia. Cada genero de mercadorias tem o seu pequeno quarteirão, a sua ruasinha, o seu corredor, o seu largo. São cem pequenos bazares que deitam uns para os outros como as salas de um vastissimo aposento, e cada bazar é ao mesmo tempo um museu, um mercado, um passeio e um theatro, em que se pôde vêr tudo sem se comprar coisa alguma, tomar café, gosar o fresco, palrar em dez linguas e trocar olhadellas apaixonadas com as mais bellas raparigas do Oriente.

«Pôde-se tomar um bazar ao acaso, e passar-se lá meio dia sem se dar por isso; por exemplo o bazar das fazendas e dos vestidos. É um emporio de bellezas e de riquezas capaz de nos deitar a perder os olhos, a cabeça e a bolsa, e é preciso estar-se em guarda, porque o mais leve capricho pôde ter por consequencia fazer-nos pedir socorro para casa pelo telegrapho. Passeia-se no meio de montes de pannos de brocados de Bagdad, de tapetes da Caramania, de sedas de Brussa, de telas do Indostão, de musselinas de Bengala, de chales de Madrastra, de casimiras da India e da Persia, de tecidos variegados do Cairo, de almofadas matizadas a oiro, de véus de seda com veios de prata, de fexas de gaze com riscas azues e encarnadas, ligeiras e transparentes que parecem vaporosas, de fazendas de todas as fórmãs e de todos os desenhos, em que o carmezim, o azul, o verde, o amarello, as côres mais rebeldes ás combinações sympathicas se approximam e se enlancham com uma audacia e uma harmonia que nos fazem ficar de bôcca aberta; de toalhas de meza de todas as grandezas, de fundo vermelho ou branco, recamadas de arabescos, de flôres, de versículos do Koran, de cifras imperiaes, que se estaria um dia a contemplal-as como ás paredes da Alhambra.

«Aqui pôdem-se admirar a uma e uma todas as partes da guarda-roupa turca feminina desde as capas verdes, côr de laranja e côr de jacyntho, até ás camisas de seda, aos lenços bordados a oiro e aos cintos de setim a que não pôde chegar o olhar de outro homem que não seja o do senhor e o do eunucho. Aqui os caftans de veludo vermelho, debruados de arminhos e cobertos de estrelas; os corpetes de setim amarello, os calções de seda côr de rosa, as jaquetas de damasco branco semeadas de flôres de oiro, os véus de esposa scintillantes de palhetas de prata, os casaquinhos de veludo verde, orlados de pennas de cysne; as vestes gregas, armenias e circassianas, de mil cortes caprichosos, sobre-carregadas de enfeites, duras e resplandecentes como coiraças; e no meio de todos estes thesouros as fazendas prosaicas de França e de Inglaterra, de côres sinistras, que nos produzem o effeito de uma conta de alfayate no meio das paginas de um poema. Ninguém que ame uma mulher pôde passar por aquelle bazar sem considerar como uma grande desventura não ser millionario, e sem sentir por um momento arder-lhe dentro d'alma a furia do saque.

«Para nos libertarmos d'estas idéas, não ha senão ir dar uma volta pelo bazar dos cachimbos. Ali a imaginação é reconduzida a mais tranquilos desejos. São feixes de chibuks de toda a especie de madeiras, boquilhas de ambar amarello do mar Baltico, luzentes como um cristal, de innumeradas gradacões de côr e de transparencia, ornadas de rubis e de diamantes; cachimbos de Cesarea, com o tubo envolto em fios de oiro e de seda; bolsas de tabaco do Libano, em lusangulos de varias côres, matizados de bordados esplendidos; narghilehs de cristal da Bohemia, de aço e de prata, de bellas fórmãs antigas; adamascados, marchetados de pedras preciosas, com tubos de marroquim scintillantes de doiraduras e de aneis, envoltos em algodão e perpetuamente guardados por dois olhos fitos que, ao approximar se qualquer curioso, se dilatam como uns olhos de coruja, e fazem morrer

nos labios o perguntar pelo preço a quem não fór pelo menos vizir ou pachá ou a quem não tenha singrado durante um anno alguma provincia da Asia Menor. Aqui não vem comprar senão o mensageiro da Sultana que quer dar um signal de gratidão ao docil grão vizir, ou o alto dignatario da côrte, que, ao tomar posse do cargo, é obrigado, por decoro, a gastar cincoenta mil francos n'uma colleccão de cachimbos, ou o embaixador do Sultão que quer levar ao Monarcha europeu uma lembrança esplendida de Stambul. O turco modesto deita um olhar melancholico e passa adiante, paraphraseando, para se consolar, a sentença do Propheta: — o fogo do inferno tropejará, como o mugido do camello, no ventre d'aquelle que fumar em cachimbo de oiro ou de prata.

«D'aqui vai-se cahir de novo em plena tentação no bazar dos pertumistas, que é o mais puramente oriental e dos mais caros ao Propheta, que dizia: — Mulheres, creanças e perfumes — para exprimir os seus tres mais doces prazeres. Aqui se encontram as famosas pastilhas do Serralho que perfumam os beijos, as caixinhas da gomma odorifera que arrancam da resina as fortes raparigas de Chio para a mandarem reforçar as gengivas da bergamota e do jasmim, e as essencias potentissimas de rosa, encerradas em estojos de veludo bordados a oiro, de um preço que faz erricar os cabellos; aqui o collyrio para as sobranceiras, o antimonio para os olhos, o henné para as unhas; os sabonetes que dão uma doce morbidez á cutis das bellas syriacas, as pilulas que fazem cahir os pellos do rosto das masculas circassianas, as aguas de cedro e de laranja, os sachets de almiscar, o oleo de sandalo, o ambar cinzento, o aloés para perfumar as chicaras e os cachimbos, uma myriade de pós, de aguas e de pomadas, distinguidas por nomes phantasticos e destinadas para usos indizeis, que representam cada uma um capricho amoroso, um proposito de seducção, um requinte de voluptuosidade, e expandem todas juntas uma fragancia aguda e sensual que faz vér como em sonhos grandes olhos voluptuosos e mãosinhas acariciadoras, e ouvir como que um som submisso de respiração e de beijos.

«Todas estas phantasias se desvanecem, quando se entra no bazar dos joalheiros, que é uma ruasinha escura e deserta, ladeada por lojistas de aspecto mesquinho em que ninguem diria nunca que estejam escondidos como estão thesouros fabulosos. As joias estão encerradas em cofres de carvalho, cintados e couraçados de ferro, e postos em cima dos mostradores das lojas, á vista dos mercadores — velhos turcos ou velhos judeus, de longas barbas e de olhar agudo, que parece que penetra nas algibeiras e traspassa os porte-monnaies. Alguns d'elles estão de pé no seu buraco, e apenas passamos cravam primeiro os olhos nos nossos olhos, depois com um rapido movimento mettem-nos á cara um diamante de Golconda, ou uma saphyra de Ormuz, ou um rubi de Giamscid, que, ao mais leve gesto negativo que façamos, retiram com a mesma rapidez com que n'ol-o apresentaram. Outros passeiam vagarosamente, fazem-nos parar no meio da rua, e depois deterem deitado em tórno de si um olhar suspeito, tiram do seio um trapo sujo, desdobram-n'o, e mostram-nos um topazio do Brazil ou uma bella turqueza da Macedonia, lançando-nos um olhar de demônios tentadores. Outros não fazem senão atirar-nos um olhar prescruador, e, não nos julgando com cara de pedras preciosas, não se dignam oferecer-nos nem uma. Nenhum depois faz o gesto de abrir o cofresinho, ainda que tenhamos a cara de um santo ou de um Creso. Os collares de opalas, as flores e as estrellas de esmeraldas, as meias-luas e os diademas orlados de perolas de Ophir, os montões deslumbrantes de aguas-marinhas, de venturinas, de agathas, de granadas, de lapis-lazulis conservam-se inexoravelmente occultos aos olhos dos curiosos sem dinheiro, e especialmente aos olhos de um escriptor italiano. Quando muito pôde elle arriscar-se a perguntar o preço de algumas *tespi* ou rosarios de ambar, de sandalo ou de coral, para os esbrugar-mos com os dedos, como fazem os turcos, para enganarem o tempo nos intervallos dos seus labores forçados.

«Para nos divertirmos, precisamos de entrar nas lojas dos francos, vendilhões de fazendas, onde ha mercadorias para todas as bolsas. Apenas entramos, temos em tórno de nós um circulo de gente que se não percebe d'onde foi que sahio. Nunca é possivel ter de tratar com um só. Entre mercador, socios do mercador, corretores e auxiliares diversos nunca são menos de meia duzia. Se um d'elles não desançã, enforca-nos o outro; não ha meio de evitar mau fim. E nem se pôde dizer com que arte, com que paciencia, com que obstinação, com que diabolicos rodeios nos fazem com-

prar o que elles querem. Pedem por todas as coisas um despropósito, offerecemos o terço; deixam cahir os braços em signal de profundo desanimo, ou batem na testa com um gesto desesperado; ou então soltam uma torrente de palavras apaixonadas para nos commoverem. Somos um homem cruel, queremos obrigar-os a fechar as lojas, queremos reduzil-os á miseria; não temos dô dos seus filhos, não sabem que mal nos fizeram para que os tratemos d'essa maneira. Emquanto nos dizem o preço de um objecto, o corretor de uma loja visinha sussurra-nos ao ouvido. Não compre, olhe que o embaçam. Imaginamos que é sincero, e elle o que está é de accordo com o mercador; diz-nos que nos embaçam no chaile, para ganhar a nossa confiança, e d'ahi a um minuto fazer-nos dar uma cabeçada na compra de um tapete. Emquanto examinamos a fazenda, fallam elle uns com os outros por gestos, por olhadellas, por cotoveladas, por meias palavras. Se sabemos grego, fallam em turco; se sabemos armenio, fallam hespanhol; mas de qualquer d'esses modos entendem-se e pregam-nol-a na menina do olho. Se depois continuamos a resistir, ensaboam-nos; dizem-nos que fallamos bem a sua lingua, que temos um modo de proceder de um verdadeiro fidalgo, e que nunca se esquecerão da nossa bella figura; discorrem sobre o nosso paiz em que estiveram muito tempo, porque estiveram em toda a parte; fazem-nos café, offercem se para nos acompanharem á alfandega quando partirmos, para impedirem que nos façam alguma injuria, quer dizer para nos enganarem a nós, á alfandega e aos nossos companheiros de viagem se os tivermos; revolvem a loja toda, e não fazem carranca se nos fórmos embora sem comprarmos coisa alguma; se não é n'esse dia, n'outro será; havemos de tornar ao bazar, e logo seremos reconhecidos pelos seus cães de caça; se não cahirmos nas mãos d'esses cahiremos nas mãos de um companheiro seu; se nos não depennarem como mercadores, esfolar-nos-hão como corretores; se nos não apanham n'uma loja, irão apanhar-nos na alfandega; em todo o caso o golpe é que não falha. A que povo pertencem elles? Não se percebe. A força de fallar linguas diversas, perderam a sua pronuncia primitiva; á força de representar comedia alteraram os traços physionomicos da sua raça; são do paiz que se quer, têm o officio que se deseja, são interpretes, guias, mercadores, usurarios; e acima de tudo artistas insuperaveis na arte de embaçar o universo».

(Continúa)

E. de Amicis.

PORTUGAL EM 1760

Cartas Familiares
de José Barretti, traduzidas do italiano

XI

Cintra, 11 de setembro de 1760.

Quem não experimentou o que seja viajar acredita que é uma felicidade n'este mundo; mas venha a Portugal quem fór d'essa opinião, e, se não se achar enganado, dou-lhe licença para me não chamar José nem Barretti. Ha dois dias que ando por fóra de Lisboa, porque me deixei loucamente tentar pelo desejo de ver todas as bellas cousas que me referiram de Mafra e de Cintra; e tenho soffrido mais incommodo e mais aborrecimento n'estes dois dias do que nunca soffri em dez dos peores que tenho tido na minha vida. Ora vêde, meus irmãos, a que triste estado chegou o vosso primogenito poeta, philosopho e lexicographo, que, guiado pela sua má estrella, passou esta noite n'uma baiuca, onde não ha mais do que uma cadeira a gingar e uma mezinha, que parece a em que Simão Mago escreveu o seu contracto com o demonio. E aqui está uma manta no chão, muito caladinha, á espera de que eu me deite para cima d'ella, como n'uma cama muito fófa, para passar esta noite dormindo ou velando, conforme me fizer mais conta. Ai! meus pobres ossos que a noite passada fostes tão macerados por aquella maldita cama de Mafra, dura como pedra, o que será de vós n'estas poucas, mas longas horas que devem transcorrer antes que o sol desponde no horizonte? Ora sus, meus irmãos, para que sejas bem informados das minhas recentes desventuras, é preciso que dê tratos ao juizo, e que principie a dolorosa chronica de hontem a manhã até esta noite; e aqui estou a coçar a cabeça, a tossir, a escarrar, a assoar o nariz e a tomar uma pitada; principio.

Hontem de manhã, pois, ás seis horas, eu e o sr. Eduardo subimos para uma caleça puxada por

duas mulas, guiadas por um robusto preto, natural d'aquella região africana que se denomina o Senegal. E certo, meus irmãos, que tenho vontade de perceber e de falar esta lingua com as não poucas palavras e phrases pilhadas n'uma má grammatica portugueza, e ainda com o auxilio do hespanhol que apprendi ha vinte annos e que tenho em grande parte recordado n'estas semanas passadas; comtudo, julguei acertado fazer-me seguir a cavallo pelo meu velho hospedeiro inglez, que fala com facilidade a lingua portugueza, tanto mais que foi necessario deixar em Lisboa o Baptista para resolver alguns dos seus negocios, afim de estar depois perfectamente livre para me acompanhar, quando eu sahir de Portugal. Com o ruim agouro de tropeçar uma das mulas quasi ao primeiro passo que deu á saída da cidade puzemos-nos a caminho de Mafra. As duas referidas mulas, para não desdizerem da gravidade paterna, fizeram o caminho tão de vagar que em cinco horas pregaram com a caleça e comnosco em uma estalagem chamada *Cabeça*, distante tres leguas de Lisboa. Oh que commoda cousa são as estalagens que se encontram pela estrada n'este glorioso reino! E muitissimo commodas devem parecer a quem chega de Inglaterra, onde não só andam á compita de quem possui a melhor, mas até muitas vezes de quem tem sobre a porta a mais bella taboleta. Ao apaar-me da caleça, foi-me destinado na estalagem um quarto, onde devia jantar; e, exceptuando o tecto e o pavimento, a porta e as janellas, porque a tudo faltavam quinze ou vinte das respectivas peças, era um quarto muito bom para alojamento de um judeu ou de um assassino. E as mulas e o cavallo foram metidos n'uma estrebaria, que os recebeu com grande cerimonia sem barrete na cabeça, porque o terremoto lh'o havia levado. Decorrida uma hora depois da nossa chegada, veiu o jantar: e que jantar! Oh que bellos cosinheiros tem os estalajadeiros portuguezes! Primeiramente, appareceu um prato sujo cheio de assorda, no qual fora cozido um bom pedaço de toucinho rançoso, assorda de tão linda cor que todos os lentes de Coimbra a teriam trocado pelo pão negro dos espartanos. Depois, n'outro prato sujo, o dito toucinho rançoso sem mais nada. Em seguida uma gallinha, cuja carne fora milagrosamente convertida em couro de bufalo. E em quarto e ultimo logar um chouriço que a gente iria jurar que tinha servido de adorno nas pernas d'algum principe hottentote. O pão que o hospede me deu não tinha tido a paciencia de estar um minuto no forno com medo de se lhe queimar a côdea; e o vinho era irmão mais velho do vinagre, como eu o sou de vós outros. Tal foi o banquete sardanapalesco que me preparou na *Cabeça* o melhor estalajadeiro de toda a Luzitania. Mas o meu Mentor inglez, que tem muito maior copia de conhecimentos do que o Mentor de Telemaco, quero dizer, o meu velho hospedeiro, que é da raça dos adivinhos, e que logo prophetisou como o caso seria pela estrada, tinha enriquecido a caixa da caleça com uma boa empada de pombos, uma boa gallinha assada, uma bella lingua salgada da Berberia, e meia duzia de garrafas de vinho branco, que tinha mandado buscar no dia antecedente a casa do irlandez O'Neal, negociante de vinhos em que já vos falei; pelo que vos posso jurar, meus caros irmãos, que não morri dos diferentes venenos que o senhor estalajadeiro da *Cabeça* me quiz dar. Maldita *Cabeça*! Possa eu engulir um bocado da tua negra assorda espartana, se te tornar mais a ver! Não que eu seja de má bôca, senhores meus: sou muito facil de contentar; e tudo me satisfaz sem mais difficuldade, mas não sou descendente do rei Mithridates, para me pôr a tomar venenos sem medo. Adeus, pois, ó querida *Cabeça*! A' noite chegaremos a Mafra, que dista da *Cabeça* outras tres leguas, e disseram-me, antes de a ver, que ficaria accommodado n'um convento de frades. E, em verdade, a hospedaria de Mafra serviu em tempo de convento de franciscanos, a darmos credito ao actual padre guardião, isto é, ao estalajadeiro; mas eu protesto que foi antes um convento de contrabandistas e de traidores, ou que o diabo, á sahida dos bons dos frades, tomou posse d'elle, e o transformou em vestibulo da sua morada; pois ir uma pessoa alojarse na hospedaria de Mafra e entrar no vestibulo da casa do diabo são absolutamente phrases synonymas. A ceia que o estalajadeiro, guardião ou porteiro de Satanaz nos deu, depois de nos fazer esperar por ella duas horas, não era nada inferior, tanto na qualidade das viandas como no mau cheiro, ao jantar lautissimo da *Cabeça*; mas a gallinha assada ainda estava intacta, restavam ainda tres quintas partes da empada, e um resto da lingua ainda falava, pelo que não me zanguei senão pela má hora de recolher á cama. Chegada

ella, que Cicero em prosa e que Berni em verso poderia com a devida eloquencia referir a millesima parte do infortunio que me cahiu em cima? Deram-me um quarto, cujo tecto, se o crivo não fosse já inventado, teria podido dar a idéa d'elle, da mesma sorte que o bater dos ferreiros na bigorna suggeriu a Pythagoras a idéa dos sinos. Havia n'esse quarto um leito como aquelle em que se deitava Santo Antão no deserto quando o inimigo vinha tental-o em figura de donzella; e no mesmo leito havia não sei quantos milhares de milhares de pulgas, com agulhas e alfinetes na bôca em vez de lingua, ou agulhões de picar bois, sem falar de outros tantos parentes e consanguineos das pulgas, que por brevidade ficam por mencionar, e para não me affligir mais pensando n'isso; de maneira que, quando rompeu a aurora com o seu propicio alvor a livrar-me de tão diabolico martyrio, achei-me com o corpo em tal estado que parecia mesmo um Portugal em resumo, tão cheio o vi por todas as partes de altas collinas e montes levantados sobre a minha pelle por aquellas agudissimas ferroadas que me deram nas trevas as taes excommungadas pulgas e outros bichos. Tiraram-me não sei quantas onças de sangue, e comeram-me não sei quantas libras de carne. Todavia, graças á aurora matutina que não lhes deu tempo para acabarem com o resto, ainda fiquei, depois de comer metade de um melão ao almoço, em estado de visitar o real convento de Mafra, do qual direi amanhã, se não me finir de torturas esta noite sobre aquella maldita manta na qual esta noite é forçoso que estenda os meus doridos e roidos membros, que já não posso sustentar perpendicularmente. *Buenas noches.*

Alberto Telles.

ODOARTE, O LEAL CAVALLEIRO

Romance... mui veridico

POR

H. KLEIN

Chegou o verão, e o dia, nas margens do lago de Gmunde, amanheceu lindo a mais não poder ser. Mantem ainda a nebrina, estendido sobre as aguas, seu denso veu; os raios do sol, porém, principiaram já a dissipar os vapores da madrugada. Desenhavam-se, cada vez com maior clareza, os montes alterosos, que impõem, pelo lado do nascente, tão forte balisa ao lago, á superficie do qual, ainda ha pouco tranquilla e lisa como um espelho, encrespada, porém, agora pela briza ligeira, tremeluzem mil reflexos dourados.

Isto aqui é um encanto! — Amavel leitora desculpa a minha ousadia e escuta um conselho, vê se consegues que o teu medico assistente, para bem da tua saude, declare ser absolutamente indispensavel que venhas, no proximo estio, passar, siquer ao menos, um mez, aqui, nas pinturescas e deliciosas margens do lago de Gmunde. Eu cá, pobre de mim, não tenho, como tu, quem pague as minhas contas; por mal dos meus peccados, sou eu que carrego com ellas, mal ou bem, conforme posso: pois olha, ainda assim, todos os annos, quando regressa a estação calmosa, não deixo de carregar commigo, para as frescas e umbrosas margens d'este lago seductor, onde venho passar sete ou oito dias, a emballar-me em sonhos, e a armar castellos no ar.

Oxalá fóra eu o feliz mortal, dono de qualquer d'essas elegantes e tentadoras villas, que, a jusante do lago, se perfilam em correnteza e vem espelhar-se-lhe nas aguas tão claras e tão serenas! Não se me dava — assim eu podesse — de pagar o trespasse da mais bonita... embora fósse a mais cara — e não chorava o dinheiro. Para uma certa casinha de campo, então, está-me mesmo a luzir o olho. Que ella, aqui para nós, está longe de ser o maior ou o mais garrido e taful d'esses refugios de verão que tanto embellezam as bordas do nosso Gmunde. Attrahem-me, porém, seduzem-me as suas proporções modestas; o seu aspecto risinho, agradável, airoso na propria simplicidade.

E depois, como se destaca bem, como surge de entre o ninho de verdura d'esses viçosos e pujantes bacellos que, por toda a parte, a rodeiam.

As janellas abrem todas sobre o lago, e d'ali, ser-me-hia dado espreitar á vontade os folgedos das naiadas, e, todas as madrugadas, vêr o sol a dourar de seus fulgores o barrete de noite com que a neve se diverte a tocar o pincaro elevado do Traunstein — d'esse monte tão soberbo e imponente. — Um encanto!

N'essa mesma manhã, animava com sua gentil presença a varanda da tal casinha por mim tão cubiçada, uma joven. Reclinada em cadeira de ba-loiço, absorvia sua attenção toda o livro aberto que nas mãos tinha, — Leitor curioso, dize lá, desejas que te descreva a minha heroína? — Não queres? — Pois sim, eu, porém, é que não devo furtar-me a cumprir o meu dever, embora n'isso haja perigo; — quem sabe se ella logrará agradecer-te.

Não apresentam as feições absoluta regularidade; as maçãs do rosto são talvez proeminentes em demasia; a tez pouco viçosa; o cabelo loiro, d'esse a que vulgarmente chamam acinzentado: — a mim, comtudo, agradam-me aquelles olhos azues, tão rasgados, o olhar profundo, meditativo, a fronte elevada e espaçosa.

Adivinha-se, através da expressão d'aquelle rosto, que o aliás gracioso involucro abriga uma alma de poeta — mas não de poeta como esses que hoje em dia vêmos por ahí, aos quaes se lê na cara a preoccupação dominante de pezar em a oiro os seus versos. Não, a minha dama tem um rosto de poeta, de um d'esses poetas, porém, como já não ha, que já lá vão, ha tempos esquecidos.

Agora mesmo, n'este instante, desvia do livro o olhar, fitando-o na superficie estrellante das aguas. E está a scismar, o que, aqui para nós, acho a assaz natural — se ella tem estado a lêr uma historia tão bonita!

Nada mais e nada menos do que o conto do cavalleiro Odoarte e do seu papagaio. — A leitora nunca o ouviu? — Pois é pena! E eu que não tenho tempo nem espaço para lh'o contar todo, por extenso: o livro é tão gróssol! Vamos a ver se, em poucas palavras, consigo dar ao leitor ideia do contheudo da obra; o que pode muito bem acontecer é faltar-me, a meio caminho, o engenho — e, por incompetencia da minha parte, perder-se de todo o interesse de tão encantadora e palpitate novella.

Em summa, vá lá: — Em certo dia, el-rei Artur, segundo seu louvavel costume, sentára-se á meza, elle e mais os seus destemidos e leaes cavalleiros, decididos a comerem... como só elles eram capazes de comer.

Pagens, escudeiros e escanções apresentaram na meza a alentada cabeça de um javardo, coroado e enramado do competente loiro, a qual aos heroes todos fez crescer a agua na bôca. Olharam uns para os outros, com muito medo — pois é mister que saibas leitora minha, que, em certos momentos, ate os heroes tem seu medo — não, que el-rei, ali onde o viam, era muito capaz de despachar, sózinho, a opipara iguaria, toda inteira e entregada.

Em tão angustioso lance, eis que, de subito, abrem-se, de par em par e com forte ruido, as ponderosas e macissas portas e, por ali dentro, entra caminhando impavido o feroz e agigantado Eurik. Resguarda-lhe os membros possantes férreo arnez de peleja, negro qual azeviche... Porque será? — Que eu o saiba, a côrte não está de lucto...

Com rijo golpe da lança, n'um abrir e fechar d'olhos, derruba um cavalleiro, o qual, rojando-se nas lagens, aos pés de dona Gumersinda, a tão formosa rainha, exhalla o ultimo suspiro.

Depois, volvendo olhar torvo aos circumstantes, dirige-se, em tom altivo e sobranceiro a el-rei, e annuncia-lhe que, d'ora avante, todos os annos, no mesmo dia e á mesma hora, elle Eurik, lançando a luva ao seu sequito, em péso, aos seus validos, á sua corte d'amor, volverá a acabar igual façanha.

O espanto, o assombro, nem ha penna que os descreva. Dos cavalleiros, nenhum tugiou nem mugiu, não houve um só que alevantasse os olhos de cima da monumental pingadeira, em que campava a possante cabeça do javardo. El-rei deu um suspiro. — Ficaré porventura impune acto de tamanha vilania?

Eurik, o feroz, o indomito, jactar-se-ha d'ora avante de ter vindo rir-se-lhe nas barbas honradas! — Mas, que é aquillo? — D'onde surdiu aquelle papagaio, que esvoaça em redor da sala?

O loiro abaixa o vóo, — vem pousar sobre o hombro do afflicto monarcha e segreda-lhe ao ouvido:

«Está lá fora um cavalleiro, manda-o entrar, pois, em teu nome e tua defeza pretende erguer o répto: castigar conforme merece, o atrevido; e, por mercê, ser admittido a sentar-se á tua tavola redonda.»

Torna el-rei a suspirar, pois, lá com os seus bôtoes, está pensando, que terá de exportular mais uma tença. — A coisa, porém, não pode ficar assim, vir o audaz Eurik a desafiar-o, e não haver ahí quem lhe prégue uma boa ensinadéla? — Menos isso! — Abana D. Artur a regia cerviz e, a um

acêno do monarcha, o resposteiro-mór dá entrada no recinto ao ouzáo campeão... ao valente e leal defensor d'el-rei!

Transpõe os umbraes da sala D. Odoarte o cavaleiro gentil; e um brado unisono echoa por toda a fila dos cortezãos, maravilhosos.

Vem armado de ponto em branco.

O arnez é todo elle, ouro e prata.

Tremulam-lhe no elmo viçosas plumas.

Os olhos, negros, dir-se-hia que ferem lume. Com gesto nervoso, cofia a barba loira e fina que nem os fios da mais fina seda e, descerrando os juvenis labios rosados, exclama:

— «A mim! Eurik! Cavaleiro vil e refece! Vaes, em breve, travar conhecimento com a ponta da minha espada!».

— Mais facil, porém é dizel o, que fazêl-o. Palavras não eram ditas, e já o fero Eurik, envergando, d'um pulo, o seu corcel, cavalgava, a bom cavalgar, por esses campos fóra. Veloz como um raio, vae-lhe no encaço o destemido Odoarte. Longa e difficil emprêza é essa em que vaes empenhado, generoso mancebo!—Sahir te-hão ao encontro guerreiros féros e indomitos; mil anões e outros tantos gigantes; terás de quebrar encantos; de soltar as pesadas cadeias a mais de um cavalleiro captivo, de livrar, das garras do tyranno teu competidor, gentis quanto infelizes donzelas, innocentes meninos!... Um atraz d'outro, seguem dez capitulos, nada menos, até que em fim o leal Odoarte consegue supplantar o auctor de tão infames delictos, e cravar ao terrivel Eurik a espada no coração.

Agora sim, agora é que el-rei Artur póde, a seu bel prazer, a seu talante e sem estorvo, comer a bom comêr, e comtudo, dignou-se largar o regio garfo e perguntar:

«Qual é o galardão, que pertendes, ó valente cavalleiro Odoarte?»

O gentil campeão, tímido, silencioso, porém, não descrava os olhos do chão; eis se não quando, sahe d'ali o ladino do papagaio e vem dizer, muito baixinho ao ouvido d'el-rei:

— O rei, saberás que Odoarte, flôr da cavallaria andante, bebe os áres pela tua filha, pela formosa Briolanja».

— Ergue-se el-rei, risonho, nédio, satisfeito e, travando da mão ao juvenil heroe, lêva-o á presença da mimosa princeza Briolanja. Esta, pudibunda, confusa e vermelha qual papoula o recebe com aquelle seu sorriso feiticeiro e sonso. Colloca el-rei a mão da infanta na mão do cavalleiro. Chora a sógra, enternecida, Odoarte entôa, em clave de sól, e com voz de stentor uma chacara de amôr — tremem os vidros e o cavalleiro cinge nos braços e muito conchegada ao coração, a princeza, radiante de ventura...

(Continúa) Pin-Sél (trad.)



Recebemos e agradecemos:

Congresso Vitícola Nacional, de 1895. Relatório Geral; volume 1, secção cultural, secção œnológica. Lisboa, Imprensa Nacional, 1896.

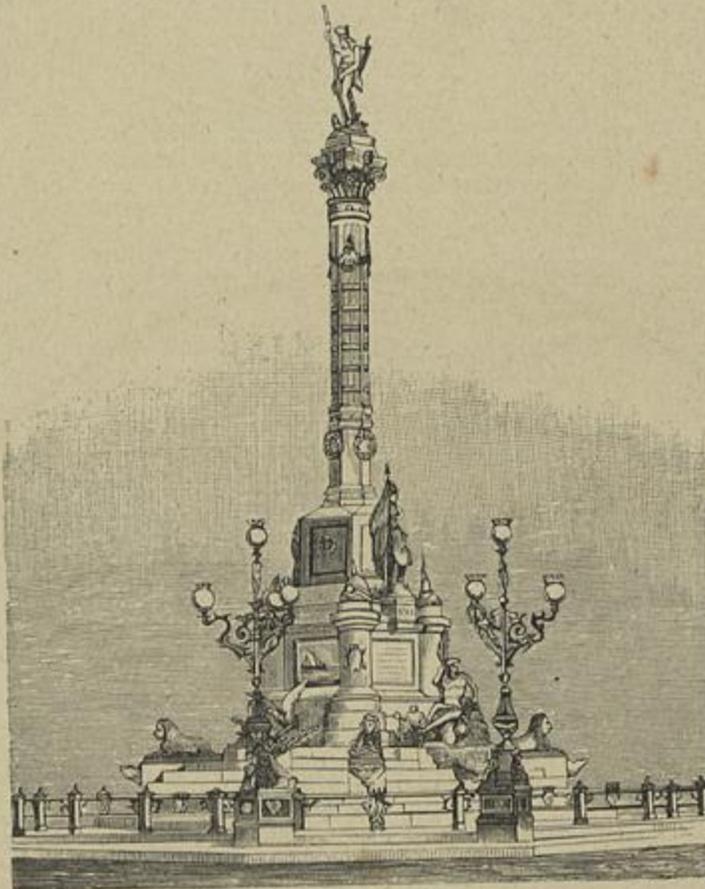
Da illustrada direcção da prestimosa Real Associação Central da Agricultura Portuguesa recebemos este notavel relatório. N'elle se comprehendem as informações mais modernas, as noções mais nacionaes, as regras melhor organisadas em harmonia com a sciencia e com a pratica para a cultura da vinha e fabrico e conservação do vinho. E' um verdadeiro manual indispensavel a todo o viticultor portuguez. O leitor encontra n'este volume todos os relatórios apresentados ao congresso, as suas conclusões e as interessantissimas e instructivas discussões que provocaram e em que tomaram parte os mestres mais abalisados na especialidade entre nós, dis-

cutões perfeitamente stenographadas pelos mais habéis tachygraphos.

Entre os importantes relatórios cuja discussão offerece um interesse mais elevado, mais eminentemente pratico para o paiz em geral, aquelle em cujas conclusões se attende aos interesses do maior numero é aquelle que relatou o distincto agronomo sr. D. Luiz de Castro. E' especialmente na 4.ª conclusão do seu bem elaborado trabalho que esse intuito se evidencia, pois que lembra a conveniencia de utilizar nas plantações da vinha os terrenos menos adaptaveis á cultura do trigo.

A boa regra de economia social que dictou ao illustre relator tal conclusão, foi depois por elle largamente explanada, defendida e controvertida, em ensinadora discussão.

Na simples noticia de registro e recebimento do presente livro não nos é facil estabelecer primazias. Todos os relatórios insertos tem altissimo valor e a sua leitura constitue um bello estudo de immediata utilidade a viticultores para quem foi especialmente coordenado e dedicado.



O MONUMENTO AO 2 DE JULHO, NA BAHIA

A Peccadora romance de costumes por Henrique Peres Escrich, Empreza Editora e Typographica. R. de Pedro V 86 e 88, Lisboa.

Este notavel romance hespanhol é uma das joias mais preciosas no seu genero de litteratura amena, delectante e impressionadora. O nome laureado de Perez Escrich é segura garantia do mimo da delicadeza da acção, sempre commovedora e emocionante.

O suggestivo assumpto, admiravelmente tratado pelo apreciado romancista, não apresenta as escabrosidades que o seu titulo poderia deixar perceber. E' um romance que, lisongeando o sentimento, eleva ao mesmo tempo o espirito do leitor.

A traducção portugueza, pois que a obra não é ainda conhecida entre nós, é devida ao nosso collega Esteves Pereira, que n'esse seu trabalho se esmerou em reproduzir na nossa lingua toda a delicadeza e interesse da obra hespanhola.

A escola revista litteraria mensal dos alumnos do collegio de S. Luiz, em Braga.

O primeiro numero d'esta graciosa revista sahiu em abril e já temos presente o de maio. E' verdadeiramente promettedora a sua collaboração e não podemos deixar de felicitar os talentosos estudantes que a redigem.

O Instituto revista scientifica e litteraria. Volume XLIII n.º III, MDCCCXCVI. Coimbra. Imprensa da Universidade.

Eis mais um numero da importante revista da illustrada aggremação conimbricense. N'elle vem insertos os seguintes artigos todos de notavel importancia.

Relatório de Mousinho de Albuquerque sobre a captura do Gungunhana; auto de entrega dos prisioneiros do Gungunhana, etc.; auto de reconhecimento dos prisioneiros, Gungunhana, etc.; relação dos chefes de povoação que prestaram vassalagem; notas sobre a lingua portugueza; o methodo na classificação botanica; arminium (Coimbra); geometria analytica; os portuguezes e o gentio; etc., etc.

Campanha de Africa. poemeto por Manuel Augusto d'Amaral Ponta-Delgada—S. Miguel. Açores 1896.

As victorias portuguezas em Africa, echoando por todo o territorio nacional, acharam em cada peito um sacrario onde serão guardadas e em cada coração de patriota uma tuba que as espalhe em arronbos de sacrosanto amor da patria.

O distincto poeta açoriano, sr. Manuel Augusto d'Amaral offereceu-nos, ha tempo uma nitida *plaque* contendo o seu poemeto Campanha d'África cuja leitura se faz com orgulho pela magnificencia do assumpto e pela grandeza com que está cantado.

O Tumulo de Affonso de Albuquerque, memoria por Luiz Gonçalves. Nova Gôa. Imprensa Nacional. 1896.

Esta memoria historico-archeologica offerecida á prestimosa sociedade de Geographia de Lisboa, é devida á penna erudita do sr. Luiz Gonçalves.

Esta memoria foi publicada em folheto, por occasião de ser transportado para Lisboa o tumulo de Affonso de Albuquerque e que o sr. Conselheiro Ferreira do Amaral trouxe da India a bordo do Couraçado Vasco da Gama. Trabalho de valor incontestavel a presente memoria é realçada pela opportuniidade da sua publicação.

Movimento catholico no fim do seculo XIX em frente do socialismo e do anarchismo. Lisboa 1896.

Temos desde tempo em nosso poder o discurso acima, pronunciado no Congresso Catholico Internacional de Lisboa, em 28 de junho de 1895 pelo sr. Jeronymo Pimentel.

É um bello trabalho, que lido attentamente, dá a mais perfeita ideia do estado do socialismo e do anarchismo comparado com as theorias da celebre encyclica *Rerum Novarum*. É um estudo erudito e em que o auctor revela extrema modestia.

A CAMPANHA D'AFRICA

CONTADA POR UM SARGENTO
EDIÇÃO POPULAR

Volume illustrado com 40 gravuras retratos dos heroes da campanha, vistas de terras d'África, combates, etc.

Dividido em 6 partes: Antes da partida — A viagem — Em marcha — As operações — O regresso — Epilogo

Preço 300 réis, pelo correio 320 réis
Com uma linda capa de percaline, 600 réis

Está publicado e á venda

PEDIDOS Á EMPREZA DO OCCIDENTE
LARGO DO POÇO NOVO

LISBOA

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 a 39